



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

ANGÉLICA PATRÍCIA DA SILVA MENDES

DESCONSTRUINDO O MACHISMO: Olhares para a Escola

**JOÃO PESSOA-PB
2014**

ANGÉLICA PATRÍCIA DA SILVA MENDES

DESCONSTRUINDO O MACHISMO: Olhares para a Escola

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Alcilene da Costa Andrade

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M538d Mendes, Angelica Patricia da Silva.
Desconstruindo o machismo [manuscrito] : olhares para a escola / Angelica Patricia da Silva Mendes. - 2014.
36 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Alcilene da Costa Andrade, Departamento de Ciências Sociais - CEDUC."
1. Educação. 2. Gênero. 3. Práticas pedagógicas. I. Título
21. ed. CDD 370.1

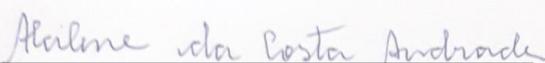
ANGÉLICA PATRÍCIA DA SILVA MENDES

DESCONSTRUINDO O MACHISMO: Olhares para a Escola

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 29/11/2014

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ms. Alcilene da Costa Andrade
Orientadora

Profa. Esp. Lígia Luís de Freitas



Profa. Esp. Izandra Falcão Gomes

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, pelo amor incondicional e por sempre acreditar em mim, e aos meus queridos amigos, por serem verdadeiros sustentos em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Em qualquer realização de um trabalho, existem pessoas que direto ou indiretamente contribuem para torná-lo possível. Portanto, devo alguns sinceros agradecimentos:

A Deus, que é o criador supremo e que me ajuda em tudo que faço.

A minha mãe que com duras dificuldades, fez o possível para que eu chegasse nesse patamar.

As minhas queridas diretoras do João Vinagre que me apoiaram e compreenderam os momentos que precisei me ausentar.

A Semíramis, amiga e irmã que me ajudou de forma gratificante.

A minha professora orientadora Alcilene, pela sua contribuição a realização desse trabalho.

E a todos amigos, professores e familiares que acompanharam e tornaram possível a realização dos meus estudos.

RESUMO

Sabemos que ao longo de décadas a nossa sociedade tem estabelecido papéis e estereotipado comportamentos em relação aos gêneros feminino ou masculino. O cenário educacional por ser responsável direto de ações que formam os novos cidadãos possui uma parcela de responsabilidade por propagar e perpetuar socialmente essa divisão entre as atividades femininas e as masculinas. Nesse sentido pesquisa a presente pesquisa busca analisar como professores contribuem através de suas práticas, para a desconstrução do machismo. A pesquisa de natureza qualitativa e caráter exploratório foi desenvolvida em uma escola da cidade João Pessoa tendo como sujeitos, 08(oito) professoras da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental. O estudo revelou que há uma preocupação efetiva por parte das docentes em discutir gênero, e que estas profissionais não estão teórica e metodologicamente devidamente preparadas para tais discussões.

Palavras-chave: Educação; Gênero; Sociedade.

ABSTRACT

We know that for decades our society has established roles and stereotyped behaviors in relation to the male or female gender. The educational scene for being directly responsible for actions that form the new citizens have a share of responsibility for propagating and perpetuating this social division between male and female activities. In this sense the present research this study aims to examine how teachers contribute through their practices, to the deconstruction of sexism. The qualitative research and exploratory nature was developed in a city school Joao Pessoa The subjects, eight (08) teachers from kindergarten and the early grades of elementary school. The study revealed that there is a real concern on the part of teachers to discuss gender and that these professionals are not theoretically and methodologically poorly prepared for such discussions.

Keywords: Education; gender; Society.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

PCN'S – Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO I – AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.....	12
1.1 Gênero e Diversidade na Escola	12
1.2 As Relações de gênero e os PCN´s	13
1.3 Sexualidade e Machismo	15
CAPÍTULO II – FORMAÇÃO DE PROFESSORES: EDUCAR PARA AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE	18
2.1 Educação para a igualdade entre gêneros	18
2.2 As contribuições da união entre família e escola para as relações de gênero.....	20
CAPÍTULO III – PERCURSO METODOLÓGICO.....	22
3.1 Desconstruindo o Machismo: Olhares para a Escola.....	22
3.1.2 concepções das Educadoras da Educação Infantil sobre as Relações de Gêneros	23
3.1.3 construção do Machismo no Ambiente Escolar: O que dizem as Professoras do Ensino Fundamental?	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	30
ANEXO	

INTRODUÇÃO

O estudo ora apresentado está inserido nas linhas de pesquisas do Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba. Sob o tema das relações de gêneros na sociedade, optamos por discutir a desconstrução do machismo na perspectiva das concepções dos profissionais de educação das séries iniciais e do ensino fundamental. Para tanto, realizamos um estudo de caso no qual a população da pesquisa foram: quatro professoras da educação infantil / séries iniciais e quatro professoras do ensino fundamental, atuantes na rede municipal de João Pessoa – PB.

A sociedade brasileira, assim como as escolas em nosso país são espaços historicamente marcados pelas relações de gênero. Embora, algumas pesquisas tenham tratado desta temática e acentuado as discussões nos espaços de debates educacionais, não constatamos muitos estudos que fazem referências ou estabeleçam relações entre as concepções dos educadores das séries iniciais e do ensino fundamental e a desconstrução do machismo.

Nesse sentido, a presente pesquisa parte da seguinte indagação: como professores que atuam em uma escola pública, nos níveis infantil e fundamental na cidade de João Pessoa, contribuem através de suas práticas, para a desconstrução do machismo?

Esta pesquisa nasceu da nossa inquietação por desejarmos conhecer ações afirmativas para a desconstrução do machismo em nossas escolas, especificamente sob a ótica de quem ensina, ou seja, o profissional docente. Nesse sentido, procuramos investigar e compreender como o docente reflete suas atividades e concebe as relações de gênero no ambiente escolar. Partimos do pressuposto de que essa compreensão do profissional docente contribui para minimizar as desigualdades encontradas por muitos profissionais destas modalidades na contemporaneidade.

Desse modo, tal pesquisa procurou conhecer de maneira conceitual os princípios relacionados às relações de gênero, os Parâmetros Curriculares para as relações de gênero e a formação de professores. Além disso, realizamos a aplicação de questionários semi-estruturados que serviram de base para a análise dos dados e cruzamento de informações com o referencial teórico, que perpassa os estudos de Scott (1990), Carvalho (1999) e Finco (2008).

Para a realização deste estudo utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, a documental e o estudo de caso. Para tanto realizamos um estudo teórico aprofundado sobre as relações de gênero, seguido de uma investigação empírica, objetivando um confronto entre teoria e prática.

Para facilitar o acompanhamento do tema por parte do leitor, organizamos o trabalho em três capítulos: no primeiro abordamos as relações de gênero na sociedade brasileira, discutindo diversidade, PCN'S, sexualidade e machismo. O segundo capítulo, discute a formação de professores para uma educação de igualdade entre os gêneros. No terceiro capítulo apresentamos o percurso metodológico da nossa pesquisa e discutimos os resultados da pesquisa. Por fim, concluímos nosso estudo através das nossas considerações e proposições.

CAPITULO I – AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

As sociedades constroem suas relações a partir de suas próprias culturas, os comportamentos passam de geração em geração dos adultos para as crianças, e se perpetuam ou se rompem em função de novas perspectivas. Nas últimas décadas temos observado na sociedade brasileira, o surgimento de novas possibilidades e desdobramentos da mulher na busca pelo reconhecimento do seu trabalho, da sua dignidade e cidadania, causando assim rupturas na cultura machista, por nós herdada do colonialismo.

As atuais políticas públicas adotadas pelo Estado Brasileiro buscam oportunizar condições de igualdade nos diversos setores sociais entre homens e mulheres. Nesse sentido, podemos ressaltar, dentre os muitos avanços, a eleição de uma mulher para presidência da República, no ano de 2010. A partir de então, mais mulheres tiveram oportunidade de representação nos corpos legislativos, estaduais e federais. Outro marco importante foi a criação da Lei 11.340 (Lei Maria da Penha) que se tornou um marco na garantia dos direitos internacionais e constitucionais da mulher por uma vida livre e sem violência.

Partindo desse pressuposto, consideramos que a educação desempenhou um importante papel em nossa sociedade para o alcance de tais mudanças, no entanto, ainda há muito a ser feito para desconstruirmos dentro de nossas escolas as linguagens e atitudes sexistas, a começar pelos próprios professores, afinal, os discursos machistas estabelecidos pelas relações de poder, foram aceitos pela escola por muitos anos sem nenhuma indignação.

Desse modo, a escola que deveria ser um espaço de promoção da igualdade social e da equidade de gêneros, tem sofrido dificuldades para romper de vez com os modelos tradicionalistas que disseminam o machismo ainda ao admitir que existem brincadeiras de meninos, e brincadeiras de meninas, cor de menino e cor de menina, que meninos se comportam de um jeito e meninas de outro.

Consideramos importante que os educadores na atualidade despertem para a consciência de que suas concepções marcam as novas gerações, e que mudanças em relação às diversidades presentes nas escolas precisam acontecer para construirmos um futuro mais igualitário.

1.1 Gênero e Diversidade na Escola

As relações de gênero e o respeito às diferenças tem sido discussões constantes nos debates educacionais e políticos em nosso país, diante disso, entendemos que compreender as concepções acerca do que é gênero e diversidade é fundamental para que a sociedade de maneira geral, sobretudo, os educadores assumam posições enquanto mediadores da aprendizagem, que formam os novos cidadãos.

Nesse sentido, apresentamos o conceito de gênero discutido por Scott (1990) que se refere a um sistema de relações de poder baseadas num conjunto de qualidades, papéis, identidades e comportamentos opostos atribuídos a mulheres e homens. Para o autor as relações de gênero (assim como as de classe e raça ou etnia) são determinadas pelo contexto social, cultural, político e econômico, sendo construído historicamente, portanto, variáveis e mutáveis.

Para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero se refere à construção social do sexo anatômico. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. BRASIL, 2009, p. 39)

Ambos os conceitos nos explicitam que o termo gênero é uma construção cultural, dinâmica, cuja utilização permite compreender as relações humanas e suas interações em contextos diversificados.

Considerando ser o gênero um elemento de compreensão das relações humanas, outro aspecto relevante a ser discutido neste estudo, é a diversidade, posto que na busca por igualdade, o respeito às diferenças é fundamental. Não

podemos falar de uma cultura igualitária em um país que não possui em suas escolas a concepção de somos diferentes sim, mas não somos desiguais.

Segundo Abramowicz (2006, p12) diversidade pode significar variedade, diferença e multiplicidade. A diferença é qualidade do que é diferente; o que distingue uma coisa de outra, a falta de igualdade ou de semelhança.

“Em educação, a diversidade pode estimular-nos à busca de um pluralismo universalista que contemple as variações da cultura, o que requer mudanças importantes de mentalidade e de fortalecimento de atitudes, de respeito entre todos e com todos” Sacristán (2002, p. 23).

Assim sendo, a escola contemporânea precisa assumir novas posturas que superem os tratamentos normativos atribuídos às desigualdades históricas nas relações de gênero, e que encontrem no respeito às diferenças, a diversidade tão necessária para a superação de preconceitos.

Rossini (2006) ressalta que os preconceitos de gênero, afetam tanto meninas quanto meninos e estes, se forem eliminados, poderiam propiciar uma melhora sensível na vida dos estudantes, pois o ambiente livre do sexismo, e da discriminação, oferece melhores condições de desenvolvimento físico e psicológico, além de possibilitar maior aproveitamento escolar.

Partindo destas reflexões, é importante ainda compreendermos as políticas educacionais em relação à problemática das relações de gênero, analisarmos a maneira com a qual a educação em nosso país tem tratado estas questões nas escolas é necessário para descobrirmos os possíveis caminhos trilhados até aqui por educadores, e os que ainda precisam ser descobertos até alcançarmos uma sociedade plena dotada de direitos iguais para seus cidadãos.

1.2 As Relações de gênero e os PCN's

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) as relações de gêneros são tratadas por meio dos temas transversais no livro de 5ª a 8ª séries, volume 10. vinculadas às orientações sexuais. Neste volume, o conceito de gênero é apresentado como o conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos.

Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social.

Nesse sentido, o conceito de gênero como construção social é reforçado, o que ressalta também a importância das atividades escolares e das atitudes comportamentais dos educadores em relação à temática para a desconstrução do machismo.

Mesmo com a grande transformação dos costumes e valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas, ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas ao gênero. Atualmente, reivindica-se a inclusão da categoria de gênero, assim como etnia, na análise dos fenômenos sociais, com o objetivo de retirar da invisibilidade as diferenças existentes entre os seres humanos que, por vezes, encobrem as discriminações (BRASIL, 1997, p.323).

Entendemos como parte fundamental dentre as contribuições dos PCN's para a organização curricular das nossas escolas, o reconhecimento de que nós avançamos em alguns aspectos, mas que em se tratando das relações de gêneros não podemos considerar a causa como superada em nossa sociedade, posto que as principais discriminações no Brasil acontecem de forma velada e muitas vezes tem início na escola, nas brincadeiras que acentuam diferenças entre meninos e meninas.

Nos Parâmetros Curriculares o trabalho sobre relações de gênero tem como propósito combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação.

Partindo desse pressuposto podemos refletir acerca de como os professores podem tratar de uma temática tão complexa, se os padrões comportamentais são transmitidos desde muito cedo, antes mesmo de a criança chegar à escola, em seu ambiente familiar.

Como um dos primeiros aspectos ligados ao gênero na escola, constatamos que o relacionamento dos alunos entre si evolui do agrupamento espontâneo das crianças em “clubes do Bolinha e da Luluzinha”, passando pelas amizades “exclusivas” (em geral do mesmo sexo), até a aproximação entre meninos e meninas, determinada pela busca do conhecimento do outro (BRASIL, 1997, p.323).

É inegável que as questões de gênero permeiam a sociedade há tempos, e a escola também há muito tenta organizar o tratamento destas relações em seu espaço de atuação, mas o despreparo para executar a interdisciplinaridade com os conteúdos, tem deixado de lado aspectos importantes do tema em questão.

Nos PCN's podemos observar algumas sugestões que possibilitam a transversalidade das relações de gênero, no entanto, sabemos que só isto, não supre as carências formativas dos professores para que o tema seja tratado nas salas de aula de maneira substancial.

Outro aspecto delicado é o fato de termos em nosso país a aceitação de alguns mitos associados ao gênero na escola:

As disciplinas onde os meninos se saem melhor (Matemática, por exemplo) e as que apresentam melhor aproveitamento pelas meninas (Língua Portuguesa, por exemplo). Se o professor tem essa crença, mesmo sem perceber pode ajudar a promovê-la, sendo que sua origem pode não ter nenhuma ligação com o sexo biológico e, sim, com experiências vividas que a escola pode alterar (BRASIL, 1997, p. 324).

Estas habilidades e comportamentos desenvolvidos em nossa sociedade foram sendo naturalizados pela escola, e por isso, atualmente educadores precisam estar atentos para desmitificá-los, para garantir o respeito mútuo e a equidade entre os gêneros.

Os PCN's apontam ainda para os materiais didáticos que há muito tempo vêm sendo alvos de análise entre pesquisadores da temática e merecem muita atenção dos gestores e educadores, pois os mesmos, embora tenham avançado em alguns aspectos no que se refere às diferenças, continuam apresentando estereótipos que vinculam a mulher à esfera doméstica e o homem às profissões públicas e remuneradas.

1.3 Sexualidade e Machismo

Para compreendermos a questão da sexualidade no universo escolar é fundamental que tenhamos a concepção muito clara sobre a diferença entre os conceitos de sexo e sexualidade. Desse modo, para Oliveira (2008) sexo é o conjunto de características anatômicas e fisiológicas, e sexualidade é a própria vida, num processo que vai do nascer ao morrer, envolvendo, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura.

Partindo desse pressuposto é possível considerarmos que o sexo faz referência a fatores biológicos enquanto que a sexualidade tende a ser associada aos relacionamentos sociais. Nesse sentido, Foucault (1984) contribui ao afirmar que a sexualidade é um dispositivo de poder, que não se concentra em um único ponto da sociedade, mas está presente nela.

Tais contribuições teóricas suscitam a sexualidade como um elemento social que quando encarada como mecanismo de poder pode ser vista como propulsora do machismo em nossa sociedade, posto que, em nosso país imperou o patriarcalismo durante muitos anos, e só nas últimas décadas a mulher ganhou espaço em cenários que, de acordo com a ideologia machista só homem ocupava, a exemplo da política e da construção civil.

O machismo de acordo com o dicionário Michaelis, é um comportamento de quem não admite a igualdade de direitos para o homem e a mulher. Na escola as crianças aprendem a reproduzir comportamentos de uma sociedade sexista. Acreditam que mulheres possuem habilidades para cuidar das atividades domésticas, enquanto os homens cuidam do sustento da casa.

Superar a lógica machista nos dias atuais é um grande desafio para os profissionais de educação. De que modo mostrar às alunas que elas devem acreditar em suas potencialidades e não nas imposições sociais? Como problematizar as desigualdades salariais enfrentadas por tantas mulheres que exercem os mesmos papéis que os homens e continuam ganhando menos? Quem disse que o futebol é esporte de menino, e a cor de rosa é só para meninas?

Na tentativa de responder estas e outras questões que permeiam a desconstrução do machismo no ambiente escolar, traçaremos um panorama acerca da formação do educador na perspectiva da igualdade entre os gêneros.

CAPÍTULO II – FORMAÇÃO DE PROFESSORES: EDUCAR PARA AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE

Se acreditarmos que ensinar sobre a sexualidade, as relações de gênero e a desconstrução das ideologias machistas é uma tarefa da escola, devemos considerar igualmente que para desempenhar este papel o educador deve estar preparado para o exercício de tal função. Considerando os professores da Educação Básica, podemos inicialmente discutir as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Profissionais da Educação.

A reestruturação definida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais e aprovadas pelo CNE tratam, em seu Art.5º, cláusula X, da aptidão do egresso do curso de Pedagogia para “demonstrar consciência da diversidade, respeitando às diferenças de natureza ambiental - ecológica, étnico - racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras”.

Tais aptidões incluem a formação para o exercício do ensino-aprendizagem e as relações de gênero. No entanto, muitas vezes esta temática é tratada muito superficialmente nas instituições formativas, oferecida de maneira opcional, ou sequer é tratada nas universidades.

Temos assistido algumas mudanças de ordem curricular, especialmente no curso de Pedagogia, sem avanços de ordem específica que se estendam as práticas escolares, minando assim as possibilidades de superação das ideologias sexistas, salvo se partir do próprio educador o interesse pela causa.

2.1 Educação para a igualdade entre gêneros

Em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo, buscar a emancipação das mulheres e a superação do machismo em todas as suas formas, não parece uma tarefa fácil. Quando nos deparamos com uma questão tão delicada e que ainda não recebeu o devido suporte para seu enfrentamento, é preciso refletir o processo educacional e suas prioridades para a formação cidadã.

Faz-se necessário pensarmos não apenas no quê ensinamos, mas como ensinamos, e qual sentido temos atribuído às nossas atividades profissionais. Afinal as relações de gênero em nossa sociedade podem ou não serem decisivas na construção da igualdade entre homens e mulheres?

Consideramos que sim, as relações de gênero precisam ser debatidas em salas de aula, nas formações de professores (iniciais e continuadas), pelas famílias e por todas as esferas sociais. Desconstruir o preconceito e o machismo em nosso país, através de nossas escolas é uma medida urgente, e precisa acontecer desde a educação infantil. Precisamos superar a naturalidade da divisão entre meninos e meninas, para trabalhos em grupo, para a seleção de esportes.

[...] práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. (LOURO, 1997, p.63)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil reafirmam o compromisso com a redução das desigualdades sociais, dos preconceitos e com a equidade de gênero, no entanto, são poucas as escolas que praticam atividades que tratam destas questões.

Muitas vezes as próprias organizações escolares possuem caráter sexista, e perpetuam os estereótipos produzidos historicamente para definir atividades masculinas das atividades femininas.

De acordo com Carvalho (2008), ainda se encontram nas escolas filas, grupos de estudo, brinquedos e brincadeiras separadas por sexo, cumplicidade com os enfeites femininos e algumas tolerâncias às brincadeiras agressivas dos meninos.

As normas sociais prescrevem posturas, comportamentos, atitudes diferenciadas para homens e mulheres. Desde a infância, tais atitudes são enraizadas através dos relacionamentos na família, na escola, construindo assim valores, nem sempre explícitos, mas que sutilmente determinam nossos comportamentos (FINCO, 2004, p. 1).

Ora, se as crianças já chegam à escola constituídas de cultura construída em casa e de valores repassados pela família, tais conhecimentos disseminam-se também na escola. E nesse sentido, cabe ao professor a compreensão de que tais atitudes comportamentais foram atribuídas às crianças pelos adultos. E é justamente na escola que elas terão a oportunidade de confrontar estas concepções e conhecerem novas práticas.

2.2 As contribuições da união entre família e escola para as relações de gênero

Quando crianças, somos educados/as para conviver em sociedade, porém de maneira distinta, meninos caso sejamos menino ou menina. Esta distinção influencia, por exemplo, a decoração do quarto da criança, a cor das roupas e dos objetos pessoais, a escolha dos brinquedos e das atividades de lazer.

Assim que mãe, pai e familiares recebem o resultado do ultrassom, passa-se a “desenhar” o lugar da criança. Se menina, roupas e decorações cor de rosa. Se menino, tudo azul. Num passado não muito distante, quando não havia o recurso de informação prévia do sexo biológico da criança, a maior parte do enxoval era verde água ou amarelo. (BRASIL, 2009, p.48)

Segundo Brasil (2009) à medida que crescemos, por meio dos brinquedos, jogos e brincadeiras, dos acessórios e das relações estabelecidas com os grupos de pares e com as pessoas adultas, vamos também aprendendo a distinguir atitudes e gestos tipicamente masculinos ou femininos e a fazer escolhas a partir de tal distinção, ou seja, o modo de pensar e de agir, considerados como correspondentes a cada gênero, nos é inculcado desde a infância.

Considerando que tanto na família, como na escola, é fundamental que as pessoas adultas, percebam que podem reforçar ou atenuar as diferenças de gênero, de raça de religião e suas marcas, contribuindo para estimular traços, gostos e aptidões não exclusivos aos atributos de um ou outro gênero. Por exemplo, deve ser estimulado nos meninos que sejam carinhosos, cuidadosos, gentis, sensíveis e expressem medo e dor. Quem disse que “homem não chora”? As meninas, por sua

vez, podem ser incentivadas a praticar esportes, a gostar de carros e motos, a serem fortes (no sentido de terem garra, gana), destemidas, aguerridas.

As aprendizagens das regras culturais nos formam como cidadãos, como homens ou mulheres. Se desejarmos construir uma sociedade mais justa e igualitária, precisamos começar por nós mesmos, e passarmos a educar meninos e meninas em condições de igualdade.

Devemos prestar atenção no quanto a socialização de gênero é insidiosa. Oferecer aos meninos e aos rapazes apenas espadas, armas, roupas de luta, adereços de guerra, carros, jogos eletrônicos que incitem à violência é facultar como único caminho para a sua socialização a agressividade, o uso do corpo como instrumento de luta, a supervalorização do gosto pela velocidade e pela superação de limites. Ou ainda, de modo mais sutil, oferecer apenas aos meninos bola, bicicleta e skate, por exemplo, indica-lhes que o espaço público é deles, ao passo que dar às meninas somente miniaturas de utensílios domésticos (ferro de passar roupa, cozinha com panelinhas, bonecas, batedeira de bolo, máquina de lavar roupa etc.) é determinar-lhes o espaço privado, o espaço doméstico. (BRASIL, 2009, p.49)

Embora saibamos que as crianças já chegam à escola com uma carga grande de conhecimentos e hábitos culturais adquiridos na família, e em outros grupos sociais, é importante a intervenção nas formas de aprendizagem que diminuem, excluem e marginalizam o outro, seja a mulher, o negro, o deficiente etc. É papel da escola contribuir para uma sociedade mais equânime e para a erradicação da masculinidade dominante.

CAPÍTULO III – PERCURSO METODOLÓGICO

A abordagem adotada na presente pesquisa é de natureza qualitativa, a medida que, embora envolva uma grande variedade de materiais empíricos, busca explicitar os significados presentes na situação estudada (Cf. LUDKE e ANDRÉ, 1986). A partir da abordagem esboçada acima, optamos pela realização de um estudo de campo, o qual, de acordo com Gil (2008) se caracteriza pelo aprofundamento das questões propostas. Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, [...] ou voltada para qualquer outra atividade humana.

Quanto ao tipo, a pesquisa é exploratória, pois têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (GIL, 2008, p.41).

De acordo com o tipo de pesquisa abordado, optamos como técnicas de pesquisa para a coleta de dados a entrevista, que segundo Gil (2008) compreende uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. O material empírico deste estudo, ou seja, a base para o presente estudo de caso é o conteúdo informado pelo entrevistado, bem como a análise de informações do diálogo dos professores em relação à prática. Para tanto, recorreu-se a utilização de um aparelho celular, em seguida transcreveu-se o depoimento em fichas catalográficas que, por sua vez, serviram de base para a contextualização do estudo.

Nesse contexto, o lócus da presente pesquisa são quatro professoras da educação infantil / séries iniciais e quatro professoras do ensino fundamental, atuantes na rede municipal de João Pessoa – PB. Não pretendemos, no entanto, fazer generalizações, embora compreendamos a importância de destacar que este estudo permite tirar conclusões que possam vir a ser úteis para nortear outros estudos semelhantes, já que um estudo de campo permite o conhecimento mais amplo e profundo da realidade que enfoca.

Nesta pesquisa, pretendeu-se descrever, analisar e discutir as questões referentes exclusivamente às relações de gênero e a desconstrução do machismo no ambiente escolar. Trata-se de um tema de grande relevância, visto que existem pouquíssimas publicações que abordam a temática na literatura atual.

3.1 Desconstruindo o Machismo: Olhares para a Escola

Os anos iniciais nas escolas são marcados por instruções teóricas que influenciarão a formação das crianças enquanto cidadãos, justamente por se tratar de um momento em que as crianças em função da curiosidade natural pelas grandes descobertas estão mais receptivas ao novo.

A sociedade que está sendo construída atualmente está revestida de quê? Se temas importantes como as relações de gênero, são tratados muitas vezes de forma superficial, ou sequer colocados nas rodas de discussões. Como poderemos esperar por um mundo mais igualitário e justo, quando as velhas práticas e os velhos hábitos sexistas ainda permeiam a escola, sem nenhuma intervenção por parte de educadores e gestores comprometidos com a formação dos alunos?

É importante que a escola consiga refletir as relações de gênero na mesma medida em que trata de temas como violência e inclusão, e que a mesma supere a concepção de que relação de gênero trata-se do masculino e feminino, apenas. Em entrevistas às profissionais docentes, perguntamos o que elas entendiam por relações de gênero na escola, e algumas afirmaram que era a maneira com que meninos e meninas se relacionavam no ambiente escolar, outras disseram que se tratava do modo como elas lidavam com meninos e meninas na escola. Algumas não responderam. Ou seja, não existe uma concepção muito definida por parte das educadoras sobre o que são as relações de gênero. Desse modo, quais seriam as possibilidades para que estas professoras abordassem em suas salas de aula, um tema sobre o qual elas não possuem domínio?

Torna-se preocupante tal constatação, por se tratar de um tema transversal que possui um objetivo social, de formação de valores e extrema relevância por ser atual e fazer parte da sociedade em que estamos inseridos.

Nessa perspectiva, Louro (1997) contribui ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim com a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) é algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. Admitindo assim que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros.

Considerando que a construção dos gêneros envolvem muitos fatores, e por esta condição possui múltiplas formas para serem trabalhadas nas escolas, questionamos nossas entrevistadas sobre a frequência com que as relações de gênero eram trabalhadas na escola. Cinco de nossas entrevistadas responderam que dificilmente se discute gênero, ou que nunca discutiram a temática com os alunos. As outras entrevistadas afirmaram que trabalham naturalmente estas questões no dia-a-dia, nas divisões de grupos de trabalho e sempre que podem.

Diante de tais declarações, podemos considerar que existe de fato, uma diferenciação entre homens e mulheres que se perpetua, porque as principais fontes de aprendizagem, a família e a escola pouco se preocupam em romper com a cultura machista da nossa sociedade apresentando novos modelos e novas concepções no âmbito das relações sociais entre homens e mulheres.

Conforme apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais, existe a diferenciação entre homens e mulheres, onde os primeiros são privilegiados, enquanto as mulheres não tem tido as mesmas oportunidades e o devido reconhecimento social.

Compreendemos que existem muitas possibilidades para que educadores, sobretudo, os dos anos iniciais trabalhem a temática de gênero, na tentativa de desconstruir o machismo presente entre as paredes das salas de aula, de modo que a escola retome seus objetivos e exerça seu papel social. Afinal, as relações de

gênero podem e devem se estabelecer a partir do cotidiano escolar e se estender às famílias que muitas vezes já carregam a cultura sexista de muitas gerações.

3.1.1 As Concepções das Educadoras da Educação Infantil sobre as Relações de Gêneros

A educação infantil é caracterizada por ser um período de aprendizagem e de desenvolvimento em ritmos acelerados, é nesta fase que a criança constrói sua identidade e adquire autonomia. Em meio a estes processos a criança percebe-se como sujeito e potencializa suas habilidades e formas de convivência. Neste sentido, podemos dizer que as relações que começam a ser estabelecidas nesse período, irão se perpetuar ao longo da vida, por isso a relevância da temática das relações de gêneros estarem inseridas nesta primeira etapa da vida escolar.

Nessa perspectiva procuramos investigar a maneira com a qual as professoras da educação infantil lidam com as relações de gênero, se identificam atitudes ou comportamentos machistas entre as crianças, e como elas concebem a importância da temática na vida escolar.

Das quatro professoras entrevistadas por nós nesta pesquisa, uma afirmou que, as relações de gêneros começam a ser trabalhadas na educação infantil, pelo fato de a identidade ser um de seus principais conteúdos, observação que nos chamou atenção. De acordo com a entrevistada: “desde cedo as crianças precisam reconhecer-se como menino ou menina, e compreender também que apesar das diferenças físicas, todos têm direitos iguais, podem jogar juntos, brincar de bonecas juntos, lerem as mesmas histórias”.

De fato, a educação infantil por estar muito associada à construção da identidade da criança torna-se uma fase excelente para o ensino das identidades de gênero.

Quando afirmamos que as identidades de gênero e as identidades sexuais se constroem em relação, queremos significar algo distinto e mais complexo do que uma oposição entre dois pólos; pretendemos dizer que as várias formas de sexualidade e de gênero são

interdependentes, ou seja, afetam umas às outras. (LOURO,1997, p. 49)

Partindo da contribuição da autora, podemos considerar que a escola de educação infantil necessita perceber as amplas possibilidades de trabalho com as relações de gênero, pois os mesmos são interdependentes, e interferem um ao outro, bem como as relações de raças, etnias, deficiências e as múltiplas diferenças presentes no universo escolar.

Quando questionadas sobre se já haviam presenciado algum comportamento machista entre as crianças, todas elas afirmaram que sim. Duas delas afirmaram ser natural as crianças demonstrarem algumas atitudes machistas, por aprenderem com os pais. “já vi várias vezes, meninos de 2 anos baterem nas meninas porque pegaram seus carrinhos, dizerem que carrinhos são de menino [...]” (Professora 1). “Geralmente as crianças chegam à escola com alguns vícios familiares, por exemplo, eu não quero este brinquedo, ele é rosa, é de menina! Com ela eu não brinco, eu não sou menina. É natural! [...]” (Professora 2).

Nos chama atenção na fala de ambas as professoras a passividade com que elas próprias narram os acontecimentos, machismo é natural? Para Brunelli (2000) tudo que é aprendido, com o passar do tempo torna-se natural, e para a sociedade, aquilo que é natural é eterno e imutável. Não podemos conceber que o machismo na sociedade estará fadado a perpetuar-se séculos a fio, enquanto nós educadores continuaremos tratando-o com naturalidade.

Quando questionamos nossas entrevistadas sobre a importância da temática para a educação infantil, três responderam que é um tema muito importante e que deve ser trabalhado na educação infantil com muita seriedade. Uma afirmou que acha desnecessário o trabalho com as relações de gênero, visto que apenas as crianças do ensino fundamental seriam capazes de compreender.

Compreendemos que para tratar das questões de sexualidade e gênero dentro do espaço escolar e na educação infantil ainda temos muitos estereótipos a serem vencidos, pois todos os dias professores se deparam com situações que envolvem desde suas concepções enquanto sujeitos, aos seus conhecimentos teóricos de formação profissional.

O pouco conhecimento sobre as temáticas de gênero e sexualidade apresenta-se como um dos fatores pelos quais professores e professoras, na maioria dos casos, continuam ensinando, mesmo que “discretamente”, modos de ser e de se comportar de maneira diferenciada e desigual para meninos e para meninas (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2003, p. 39).

Talvez o grande desafio dos educadores nas questões das relações de gênero seja ir além de seus próprios tabus, e exercitar com coerência a função de mediador entre o conhecimento a criança e a sociedade.

3.1.2 Desconstrução do Machismo no Ambiente Escolar: O que dizem as Professoras do Ensino Fundamental?

Buscamos analisar os discursos das professoras do ensino fundamental sob as mesmas perspectivas que buscamos nas professoras da educação infantil, desse modo, perguntamos inicialmente, como elas lidam com as relações de gênero no ambiente escolar?

“As crianças já são bem autônomas, quase não permitem que nós professores interfiramos em suas relações, eles brincam com quem querem, observamos que meninos só jogam com meninos e as meninas estão sempre em rodas de conversa entre elas também”. (Professora 1)

“Procuro sempre que posso discutir situações cotidianas, casos atuais, violência contra a mulher [...]” (Professora 2)

“As crianças estão em uma fase difícil de mudanças psicológicas e físicas, não aceitam nossas intervenções, se recusam a trabalhar em grupos mistos, os meninos tem preferências por outros meninos e as meninas também não querem estudar com os meninos, eles naturalmente se dividem”. (Professora 3)

“Não separo os meninos das meninas em nenhuma das minhas atividades, sempre que posso realizo rodas de conversas para debater as diferenças, não só de

gênero, mas de raça e religião, são bons temas para serem discutidos em sala de aula.” (Professora 4)

A escola, para que haja aprendizado, interfere nas hipóteses das crianças sobre os conhecimentos matemáticos, científicos e lingüísticos. Da mesma maneira, há de se intervir nos conhecimentos relativos às relações de gênero, às relações étnico-raciais, geracionais e de classe, para que as discriminações e desigualdades acabem. (AUAD, 2006, p. 86)

De acordo com a autora e com os depoimentos das professoras é preciso de fato que haja intervenção dos professores para a educação das relações de gênero. O profissional de educação não pode ser omissos frente às divisões “naturais” entre meninos e meninas, é preciso exercer uma postura de enfrentamento aos preconceitos e tentar desconstruir o machismo e o sexismo que são tão fortes em nossa sociedade.

As falas das professoras, ainda demonstram uma fragilidade para lidar com as relações de gênero em sala de aula, no entanto, estas devem ser tratadas tanto quanto à matemática, à linguagem e à ciência, trata-se de um conteúdo para a formação integral do indivíduo.

Nesse sentido, questionamos a importância do trabalho com a temática na escola.

“Considero muito importante, as crianças precisam aprender desde cedo a conviver com as diferenças, sem discriminações, em quaisquer situações” (Professora 1).

“ É de suma importância tratar das relações de gênero e da desconstrução do machismo nas escolas para que tenhamos uma sociedade mais igual para homens e mulheres”. (Professora 2)

“Falar de respeito é importante em qualquer faixa etária, no ensino fundamental acredito que você tem uma chance de que as crianças absorvam melhor, porque não estão totalmente formadas,[...] então acho que os currículos escolares poderiam tratar um pouco mais sobre gênero [...]”(Professora 3).

“Acredito que é relevante tratar das relações de gênero, da diversidade, do respeito ao outro em todos os níveis de educação, a nossa sociedade depende dos cidadãos que estamos formando [...]” (Professora 4).

As reflexões das professoras expostas nas entrevistas por meio do questionário semi-estruturado demonstraram, embora com algumas fragilidades teóricas que existe uma preocupação com a educação para as relações de gênero, indicaram também a falta de políticas formativas e curriculares para a ampliação das ações nas escolas, de modo que os alunos despertem para o respeito a diversidade de gênero e sexual e a redução da homofobia e do machismo em nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desconstruir o machismo em nossa sociedade lançando novos olhares para a escola é um caminho possível para exaltarmos a participação política da mulher em múltiplos cenários institucionais da sociedade em que vivemos e para desconstruir estereótipos que determinam historicamente a maneira de ser, de pensar, de agir, de vestir e de comportamentos de homens e mulheres, estabelecendo uma supremacia masculina e a subordinação da mulher.

Através dos dados coletados nesta pesquisa, pudemos identificar a necessidade e a importância de que profissionais docentes tenham uma formação específica na área de gênero, para tratarem das relações estabelecidas na sociedade sem fragilidades, ou ressalvas. De outro modo, o estudo revelou que há uma preocupação efetiva por parte das docentes em discutir gênero, e que estas profissionais não estão teórica e metodologicamente devidamente preparadas para tais discussões.

Os dados da pesquisa permitem falar sobre os avanços no âmbito da educação para a diversidade, mas apresenta também algumas distorções em relação à construção de conceitos mais igualitários na escola entre meninos e meninas, e que, por conseguinte desconstrua o machismo imbricado em nossa sociedade. Por fim, para além das análises das concepções dos educadores acerca das relações de gênero e do machismo presente nas escolas, nos posicionamos a favor de uma ampliação das pesquisas, bem como das divulgações dos estudos sobre as contribuições de educadores por meio de ações que superem a educação sexista, respeitando e promovendo direitos e condições de igualdade para a sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. **Trabalhando a diferença na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2006.

AUAD, Daniela. **Educar Meninas e Meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura-(MEC). **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. – Rio de Janeiro: Brasília. V. 2009

_____. Secretaria da Educação Básica - (SEB). **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BRUNELLI, Delir. O que é mesmo gênero. In: **Sonhos e sementes: Reflexões sobre gênero e vida consagrada**. Rio de Janeiro: Cadernos da CRB, 2000.

CARVALHO, M.P. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. Ed. Xamã, São Paulo, 1999.

FINCO, D. 2008. **Socialização de gênero na Educação Infantil**. Ciências e letras, 43:261-274. Disponível em: www.fapa.com.br/ciencias_e_letras. Acesso em: 15/07/2010

FOUCAULT, M. **História da sexualidade, a vontade de saber**. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FREUD, S. **Três Ensaios Sobre a Sexualidade Infantil**. 1996

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. Ed. Atlas, São Paulo, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, E.M., att all – **Da Sensualidade à Sexualidade: Uma interferência pedagógica frente aos preceitos impostos pela família**. Athena – revista Científica e Educação, v. 10, n. 10 Jan/Jun 2008.

ROSSINI, Rosa Ester et al. **Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência**: guia prático para educadores e educadoras. 2. ed. São Paulo: NEMGE/USP, 2006.

SACRISTÁN, José G. **A construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas**. In: ALCUDIA, Rosa et al. Atenção à diversidade. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SCOTT, Joan W. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, n.º 16.

ANEXO

ENTREVISTA SEMI-ESTRURADA (PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL)

Nome (opcional) _____

Modalidade em que atua: ()Ed. Infantil ()Ens. Fundamental

1. O que você entende por relações de gênero?
2. Como você lida com as relações de gênero na escola?
3. Você já presenciou alguma atitude ou comportamento machista de algum aluno ou professor dentro da escola?
4. Você considera importante o trabalho com as relações de gênero no ambiente escolar?